

# A afetividade na sala de aula e a atuação dos professores no Ensino Médio – reflexões pontuais

Fabíola Cristina Melo

---

Resumo: Este trabalho é o resultado das reflexões e leituras acerca da afetividade na sala de aula e a sua relação direta com a aprendizagem. Ele é o produto final de um trabalho apresentado para uma disciplina do Doutorado em Educação e apresenta algumas considerações sobre o que se pensa e o que se faz em sala de aula no que se refere à afetividade e aprendizagem, sobretudo, no Ensino Médio, um segmento considerado o menos afetivo. Vários estudiosos têm se dedicado a estudar e produzir materiais sobre o papel da afetividade nas relações de sala de aula e como esta afetividade produz resultados. Reflete, também, não só sobre os aspectos cognitivos e intelectuais da educação, mas também, abre um viés para a discussão do aspecto afetivo nas interações de sala de aula no Ensino Médio. Para se verificar a importância desse tema, foi realizada uma entrevista com alunos e professores do Ensino Médio, no sentido de buscar apreender os sentidos que perpassam pela efetiva aprendizagem.

**Palavras-chave:** Afetividade – Alunos – Professores – Ensino Médio – Aprendizagem

---

## 1. Palavras Iniciais

Vários estudos sobre o papel da dimensão afetiva nas práticas pedagógicas têm sido desenvolvido ao longo dos anos no sentido de tentar entender a importância da afetividade no contexto escolar e nas condições de ensino e aprendizagem.

Até bem pouco tempo, o trabalho pedagógico era visto somente do ponto de vista da dimensão cognitiva e intelectual dos alunos e alunas, sobretudo, em se tratando de alunos do Ensino Médio, desconsiderando-se, contudo, o aspecto afetivo que perpassa toda a relação do ser humano, em todos os seus aspectos e com a escola não pode ser diferente. Segundo Leite e Tassoni (2002), o racional e o emocional que tem permeado a trajetória do pensamento e conhecimento humano há vários séculos, impede uma compreensão adequada das relações entre ensino e aprendizagem e da própria totalidade do ser humano. Isso vem comprovar uma análise somente cognitiva do ser humano, esquecendo-se que ainda faz parte deste ser os aspectos emocionais e relacionais.

Muitas perguntas têm sido feitas no intuito de tentar elucidar algumas questões inerentes ao processo de aprendizagem: quem são os alunos do Ensino Médio? Quais são seus interesses? Como aprendem? Quais são as suas motivações?...

Sabemos que as pessoas aprendem de diversas formas e diferentemente umas das outras. Há, sempre, um entrelaçamento entre a cognição e a emoção e isto tem uma implicação direta e significativa na relação entre o ensino e a aprendizagem. Não se pode, desta forma, pensar o processo de ensino/aprendizagem somente do ponto de vista cognitivo, pois sabe-se, hoje, que a afetividade é parte integrante de todo este processo. Aprende-se melhor quando se considera os aspectos afetivos nas relações.

A afetividade, além de permear toda a relação entre professor e aluno, está presente nas decisões pedagógicas entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Por meio das interações sociais, os indivíduos apropriam-se dos elementos culturais construídos pelo homem ao longo da história e se desenvolvem. Além disso, assume-se que a afetividade tem um papel fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. Deve-se considerar, portanto, o clima de aprendizagem, o conteúdo, as expectativas do professor, as interações na sala de aula, a motivação entre outros.

É muito comum, estudar as relações sujeito-objeto a partir das atividades de ensino com crianças pequenas, na Educação Infantil e no período de alfabetização, mas, aqui, este ensaio reflete sobre a atuação do professor e a afetividade, envolvendo adolescentes, no sentido de procurar identificar a dimensão afetiva nas práticas pedagógicas por eles vivenciadas no Ensino Médio<sup>1</sup>, em um Colégio Particular, na cidade de Araxá com mais de 80 anos de funcionamento. Atende mais de 900 alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio

Este colégio é uma instituição de educação com filosofia dominicana, e tem como visão ser uma escola de vanguarda, aprimorando o processo de relações com as pessoas e praticando um ensino de qualidade, à luz da filosofia dominicana: **Verdade, Justiça e Solidariedade**.

---

<sup>1</sup> Considera-se que os alunos do Ensino Médio estejam vivenciando, na sua totalidade, o período da adolescência. Nas palavras de Ozella (2003) a adolescência corresponde a “*um fato que passou a fazer parte da cultura enquanto significado, isto é, um momento interpretado e construído pelos homens, um período construído historicamente*” (p. 9). Segundo o autor (*ibidem*), é o significado que a adolescência adquire historicamente que vai determinando ações pessoais, políticas, sociais e profissionais em relação a ela. É importante observar que o ensino médio faz parte da Educação Básica e tem, de acordo com o MEC, uma finalidade específica “*a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, a serem desenvolvidas por um currículo, que destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania*” (Portal do MEC, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb>). E mais, o ensino médio configura-se em “*um momento em que necessidades, interesses, curiosidades e saberes diversos confrontam-se com os saberes sistematizados, produzindo aprendizagens socialmente e subjetivamente significativas. Num processo educativo centrado no sujeito, o ensino médio deve abranger, portanto, todas as dimensões da vida, possibilitando o desenvolvimento pleno das potencialidades do educando*” (*ibidem*).

Sua missão é estimular o desempenho dos alunos, promovendo o melhoramento contínuo dos procedimentos pedagógicos, o trabalho cooperativo, a responsabilidade pela própria aprendizagem e o compromisso com o social. Além disso, preza pelos seguintes valores: “Educação centrada na aprendizagem; Relações éticas; Atendimento com qualidade; trabalho cooperativo; melhoramento contínuo; responsabilidade social e busca do transcendente” (REGIMENTO ESCOLAR INTERNO).

Sendo assim, acredita-se que seja uma instituição educacional que valoriza as relações interpessoais de seus profissionais bem como dos alunos e suas famílias. Desta forma e pensando sobre tudo isto, foi aplicado um questionário a todos os alunos de Ensino Médio, bem como a todos os professores que atuam neste segmento, a fim de se verificar o lugar que a afetividade ocupa no processo de “ensinagem” e de aprendizagem.

Para se garantir uma educação de qualidade, acredita-se que algumas estratégias de ensino, tais como organização de forma lógica dos conteúdos a serem apresentados, o relacionamento dos conteúdos com o cotidiano escolar dos alunos e a utilização de atividades diversificadas no processo de ensino aprendizagem, quando utilizadas pelos professores e professoras aumentam a chance dos alunos obterem sucesso na aprendizagem. Outro ponto a ser colocado neste ensaio é a paixão do professor pelo que faz. É sobre estes assuntos que trata este estudo.

## 2. O papel da afetividade e a interação na sala de aula

Em seus estudos, Vygotsky destacou o papel das interações sociais para o desenvolvimento humano. Segundo este estudioso, o processo de aprendizagem nasce das interações sociais vivenciadas pela criança: “O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam” (VYGOTSKY, 1994, p. 115). Em outras palavras, é a partir de sua inserção no meio e na cultura que este sujeito, através da interação social com as pessoas que o rodeiam, vai se desenvolvendo, ou seja, vai se apropriando das funções culturais.

Em qualquer que seja a situação de aprendizagem, a interação é muito importante. Vygotsky não ignorou, de maneira nenhuma, as bases biológicas do desenvolvimento humano, ressaltou, em seus trabalhos, esses fatores, ou seja, segundo este autor, os fatores biológicos têm preponderância sobre os sociais somente no início da vida de qualquer criança. Aos poucos e com a convivência com o outro, as interações do grupo social ao qual ele pertence passam a determinar o seu comportamento e o desenvolvimento de seu pensamento. Somos influenciados e influenciamos as pessoas com as quais convivemos.

Vygotsky destacou, ainda, a importância das interações sociais, propondo o conceito de *mediação*, que aqui pode ser definido como o processo de intervenção. Segundo ele,

toda forma elementar de comportamento pressupõe uma reação direta a situação-problema defrontada pelo organismo – o que pode ser representado pela fórmula simples (S → R). (...) Por outro lado, a estrutura de operações com signos requer um elo intermediário entre o estímulo e a resposta. Esse elo intermediário é um estímulo de segunda ordem (signo), colocado no interior da operação, onde preenche uma função especial; ele cria uma nova relação entre S e R. (...) Conseqüentemente, o processo simples estímulo-resposta é substituído por um ato complexo, mediado (VYGOTSKY, 1994, p. 53).

Este conceito é uma questão central para a compreensão das concepções vigotskianas. Isto porque, para Vygotsky, o modo de funcionamento psicológico, típico da espécie humana, não está presente no indivíduo desde o seu nascimento, mas é fruto de um processo de desenvolvimento que envolve a interação do organismo individual com o ambiente físico e social em que vive, isto é, é uma aprendizagem constante. De acordo com este mesmo autor “o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto sempre passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social”. (VYGOTSKY, 1994, p. 40)

Portanto, para ele, é a partir de um intenso processo de interação com o meio social, através da mediação feita pelo outro, que se dá a apropriação dos objetos culturais, e esse complexo processo resulta no desenvolvimento.

É por intermédio do outro que os indivíduos vão incorporando os modos de pensar, de agir e de sentir, socialmente elaborados, e se constituindo historicamente enquanto sujeitos. E não pode ser diferente com o adolescente.

O tema da afetividade tem merecido destaque na escola, uma vez que é um fator determinante do processo de desenvolvimento humano, bem como uma condição imprescindível no relacionamento aluno – objeto – professor, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem. É por isto que se justifica este ensaio: uma reflexão e análise com os alunos deste segmento.

Wallon (1968) afirma que a afetividade envolve diversas manifestações e abrange os sentimentos (ordem psicológica) e as emoções (ordem biológica). Assim, faz-se necessária a diferenciação dos termos emoção e afetividade, uma vez que, freqüentemente, são usados como sinônimos. O primeiro – a emoção –, segundo o dicionário Aurélio é um substantivo feminino que significa “abalamento moral ou afetivo; perturbação, geralmente passageira, provocada por algum fato que afeta o nosso espírito (boa ou má notícia, surpresa, perigo)...” Refere-se, também, a manifestações afetivas de estados subjetivos, agregados a componentes orgânicos, como os sentimentos e os desejos. Para o autor,

As emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que correspondem, cada uma, a uma determinada espécie de situação. Atitudes e situação correspondente implicam-se mutuamente, cons-

tituindo uma maneira global de reagir de tipo arcaico, freqüente na criança. (...) Daqui resulta que, muitas vezes, é a emoção que dá o tom ao real. (WALLON, 1968, p. 140).

O segundo termo - a afetividade - tem, de acordo com este autor, uma concepção mais ampla que envolve uma gama maior de manifestações, englobando as dimensões psicológica e biológica.

Para Wallon (1978), as emoções permitem ao sujeito uma primeira forma de consciência de suas próprias disposições, ao mesmo tempo em que, sendo visíveis através de vestígios expressos publicamente, constituem-se no primeiro meio de interação com o outro. Sendo assim, a emoção torna-se o primeiro e mais intenso vínculo entre os indivíduos, tendo como forma de expressão, o olhar, o gesto, a mímica.

Nessas circunstâncias, a afetividade tem papel de comunicação nos primeiros meses de vida, possibilitando contatos da criança com o mundo, tornando possível o acesso ao mundo simbólico, dando origem à atividade cognitiva e possibilitando seu avanço.

De acordo com Wallon (1968), a dimensão afetiva ocupa lugar central tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto na construção do conhecimento. Então, não podemos desconsiderar o papel da afetividade em nenhum momento. Ela deve estar presente em qualquer segmento da educação, mesmo que de uma forma diferente dos anos iniciais de escolarização.

Wallon (1968) afirma, ainda, que o indivíduo é constituído pela interação de quatro grandes níveis funcionais: a afetividade, a inteligênci al, o ato motor e a pessoa. São estes quatro níveis interrelacionados que, ao se desenvolverem, dão origem ao ser humano completo. Aqui, neste ensaio, será considerado, apenas, um deles – a afetividade, sem, contudo, desconsiderar o aspecto da inteligência, é claro.

O desenvolvimento da inteligência, em grande parte, é função do meio social. Para isso, tornam-se necessários os instrumentos de origem social, como a linguagem, entendida como todo e qualquer sistema de comunicação e os diferentes sistemas simbólicos desenvolvidos pela cultura<sup>2</sup>, inclusive os aspectos contidos nas dimensões afetivas das interações que ocorrem durante toda a vida do indivíduo.

Pode-se dizer que tanto a afetividade quanto a inteligência, desenvolvem-se através de processos sociais, de interações, incluindo a interação com outros sujeitos e a apropriação dos fins e instrumentos culturais. O sujeito constitui-se na e pela interação verbal, podendo se constituir em um novo sujeito em relação com um outro, a partir da linguagem.

De acordo com Wallon (1968), e diante do que foi exposto, nota-se que a afetividade e a inteligência, durante o seu desenvolvimento interrelacionam-se,

---

<sup>2</sup> O conceito de cultura é aqui entendido como “o conjunto complexo das representações, dos juízos ideológicos e dos sentimento que se transmitem no interior de uma comunidade” (DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA, p, 163)

com predominância ora da afetividade, ora da inteligência, movimento de alternância através do qual cada nível funcional apropria-se dos avanços e conquistas do outro para, então, também evoluir.

Percebe-se, então, no processo de aprendizagem, a integração entre aspectos afetivos e cognitivos, os quais, interrelacionando-se, promovem o desenvolvimento do sujeito.

Assim, a afetividade se faz aliada ao desenvolvimento do processo cognitivo, pois, para sua evolução, ela depende dos avanços alcançados pela inteligência, assim como a inteligência, para suas conquistas, depende dos avanços da afetividade, gerando o desenvolvimento do indivíduo como um todo.

Um fator muito importante para o desenvolvimento – processo pelo qual o indivíduo vai se apropriando dos elementos culturais – é a aprendizagem.

Dessa forma, observa-se que as teorias de Wallon e Vygotsky admitem que é o ser humano se desenvolve por meio das interações sociais, incluindo, as interações em sala de aula, repletas de afetividade, constituindo-se manifestações de emoção, as quais exercem grande influência no desenvolvimento cognitivo. Estes autores assumem que há uma tensão intrínseca entre as dimensões afetivas e a atividade intelectual, em que à medida que a inteligência vai atingindo novos estágios, a afetividade vai se cognitivizando, pois as conquistas da inteligência são incorporadas ao plano da afetividade. O mesmo ocorre com a evolução da afetividade: acredita-se que ocorra um refinamento das trocas afetivas que atue sobre a inteligência, incorporando-se a ela. Portanto, quando há afetividade por parte dos alunos e professores, a aprendizagem pode ocorrer mais facilmente.

A mediação tem um papel fundamental no processo de aprendizagem. Durante a mediação entre professor e aluno, acontecem desafios e trocas que geram aprendizagem. Assim, as relações vivenciadas na sala de aula, proporcionadas pelos professores e professoras, podem fornecer modelos de aprendizagem para o sujeito, caracterizando a *mediação* como papel intrínseco ao professor no processo de ensino-aprendizagem.

Vygotsky (1998), assevera que o desenvolvimento humano depende, sobretudo, do processo de interação que ocorre entre as pessoas e da relação com os objetos culturais.

Diante disso, vale ressaltar que a escola constitui-se como um espaço legítimo para o desenvolvimento sócio-afetivo dos sujeitos, sendo também espaço de construção da afetividade e do conhecimento centrado na intervenção sobre a inteligência. Vale lembrar que, na escola, como em qualquer outro ambiente, o sujeito se define como sujeito de conhecimento e de afeto. Esta condição faz com que a escola tenha um papel determinante como mediadora, uma vez que nela, experiências e conhecimentos vivenciados adquirem significado inestimável para o desenvolvimento social e afetivo do ser humano. Então, não podemos descartar nenhuma forma de conciliar estes aspectos: o cognitivo e o afetivo.

Portanto, todas as atividades de ensino desenvolvidas pelo professor, visando ao sucesso dos alunos devem ser permeadas pela afetividade e proporcionar uma boa relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

O professor tem papel fundamental neste processo. Ele tem que ser capaz de ajustar a sua aula, considerando os aspectos cognitivos e os afetivos. Assim, a relação estabelecida entre professor-aluno apresenta-se como fonte de riquíssimas possibilidades de crescimento, exercendo uma importante influência na aquisição do conhecimento. É o professor quem planeja as condições de ensino, tornando sua prática atraente aos olhos do aluno, estimulando sua participação, despertando sua crítica, sua curiosidade, enfim, é quem procura formas inovadoras de aprimorar as condições de ensino para que ocorra a verdadeira e significativa aprendizagem.

Pesquisas sobre a prática pedagógica e as condições de ensino, como a de Falcin (2003) e Tagliaferro (2004), demonstram que o planejamento das atividades de ensino do professor tem efeitos afetivos no indivíduo. Estes estudos apresentam resultados em que os alunos enaltecem tais características, valorizando o professor que se mostra empenhado em garantir o sucesso do aluno.

A pesquisa de Falcin (2003) apresenta dados em que a paixão do professor em relação ao seu objeto de conhecimento, bem como a sua paixão pelo que faz, são evidenciados em sua prática pedagógica e percebidos por seus alunos. Os dados apresentam relatos de alunos que escolheram seguir determinada carreira profissional, em decorrência da prática pedagógica do professor.

Nota-se que a prática pedagógica do professor, permeada pela sua motivação e entusiasmo em relação ao seu objeto de conhecimento, pode aproximar os alunos dos conteúdos escolares, causando-lhes admiração tanto pelo professor, quanto pela disciplina, proporcionando, desta forma, uma aprendizagem mais significativa e prazerosa.

Sabendo da importância da existência da afetividade nas relações entre professor e aluno, e necessidade da qualidade das relações entre aluno e conteúdos escolares, foi aplicado um questionário, em 2011, contendo 3 perguntas abertas e uma questão fechada, aos 147 alunos do Ensino Médio. Foram devolvidos 128 questionários dos alunos respondidos.

A seguir, para comprovar o que foi mencionado anteriormente, reafirmando a importância da afetividade nas relações da sala de aula, será apresentado o resultado desta pesquisa.

### **3. Entrevistando o aluno**

A primeira pergunta contida no questionário foi “Você aprende melhor quando gosta do professor?” 121 alunos responderam que sim, 4 responderam que não e 3 responderam que às vezes. Das respostas afirmativas, pode-se observar que foi unânime a resposta em torno do relacionamento e a motivação em aprender simplesmente pelo professor.

Alguns alunos disseram que a relação fica mais aberta o que dá liberdade de perguntar e esclarecer algo quando não foi entendido. Muitos alunos mencionaram a questão do vínculo afetivo. A seguir serão apresentadas algumas respostas, somente a título de ilustração, respeitando a escrita de cada aluno.

## PERGUNTA 1: Você aprende melhor quando gosta do professor?

Respostas	Série do aluno
“ Sim, pois, assim você constrói um vínculo afetivo maior com ele, assim fica mais fácil e prazeroso o aprendizado”	Aluno da 2ª série do Ensino Médio.
“ Sim, porque quando gosto do professor me interessa muito mais pela matéria, além de facilitar a relação aluno X professor”	Aluno da 2ª série do Ensino Médio.
“ Sim, quando gosto do professor, presto mais atenção e participo mais das aulas, o que consequentemente faz com que eu aprenda mais”	Aluno da 1ª série do Ensino Médio.
“ Sim, porque meu interesse aumenta, aula se torna mais interessante, eu participo mais e daí aprendo melhor.”	Aluno da 3ª série do Ensino Médio
“Depende muito do professor, às vezes eu não gosto do professor mas ele sabe explicar melhor que os outros.”	Aluno da 1ª série do Ensino Médio.
“Não, tenho ótimo relacionamento com alguns professores, por exemplo, com o professor de Português, e mesmo assim tenho dificuldade”	Aluno da 1ª série do Ensino Médio

Observa-se, pelo número de respostas afirmativas, que os alunos, mesmo já em uma fase mais adiantada da escolarização, reconhecem a importância da afetividade na relação da sala de aula como fator preponderante no sucesso da aprendizagem. Os alunos não desconsideram o conhecimento e a didática do professor, mas reconhecem que a questão da afetividade é muito importante para o sucesso de sua aprendizagem.

## PERGUNTA 2 – A motivação e o entusiasmo do seu professor em relação ao seu objeto de conhecimento podem ajudar você a aprender melhor?

121 alunos responderam que sim, 2 responderam que não e 5 disseram que “às vezes”.

Respostas	Série do aluno
“Sim, quando há motivação tudo fica mais prazeroso de aprender. O entusiasmo nos leva a uma vontade maior de aprender e trocar conhecimentos.”	Aluno da 3ª série do Ensino Médio
“Sim, se ele gosta do que faz, ele acaba passando a matéria com mais facilidade e entusiasmo para os alunos, aumentando a compreensão.”	Aluno da 1ª série do Ensino Médio
“ Sim, pois o professor demonstrando aos alunos entusiasmo, pode deixar os alunos entusiasmados, assim os alunos prestam mais atenção nas aulas, com isso aprendem mais, tiram boas notas, passam no vestibular e garantem um bom emprego e assim tem uma boa vida”.	Aluno da 2ª série do Ensino Médio

“ Sim, porque se o professor não tiver motivação e entusiasmo, é provável que o aluno também não tenha e não irá aprender.”	Aluno da 2ª série do Ensino Médio
“Não, acho que isso depende exclusivamente do aluno, não adianta de nada o professor ser entusiasmado e motivado.”	Aluno da 3ª série do Ensino Médio
“Depende. Às vezes é preciso ser só estudo por parte do aluno.”	Aluno da 2ª série do Ensino Médio

Esta pergunta, também, evidencia o reconhecimento por parte do aluno que o entusiasmo e a motivação do professor em relação ao objeto de conhecimento é muito importantes para o sucesso da aprendizagem. São elementos contagiantes e que podem ser decisivos na aprendizagem, pois os estimulam a aprender mais e melhor.

### **PERGUNTA 3 – O que faz do professor um excelente professor?**

Aqui, nesta pergunta, foi feita uma tabulação dos itens que os alunos elencaram com características de um excelente professor. Era uma pergunta aberta e não havia um número exato de características que o aluno deveria citar. Os itens foram retirados das respostas dadas pelos alunos, respeitando a forma original da linguagem utilizada por eles, e não estão em ordem de importância. Os elementos foram tabulados conforme a sua incidência na resposta dos alunos. Como a pergunta era aberta, os alunos foram elencando características que julgavam ser importantes.

A listagem com seu respectivo número sinaliza quantas vezes o item apareceu nas respostas dos 128 alunos.

- Alto nível e domínio do conhecimento – 50 vezes
- Aula interessante e boa explicação – 33 vezes
- Aulas variadas – 18 vezes
- Relacionamento e entusiasmo – 72 vezes
- Linguagem – 9 vezes Método de ensino – 4 respostas
- Autoridade – 19 vezes
- Competência e segurança – 13 vezes Respeito – 31 respostas
- Didática – 35 vezes
- Gostar de ser professor (gostar do que faz) - 30 vezes
- Pontualidade e organização – 3 vezes

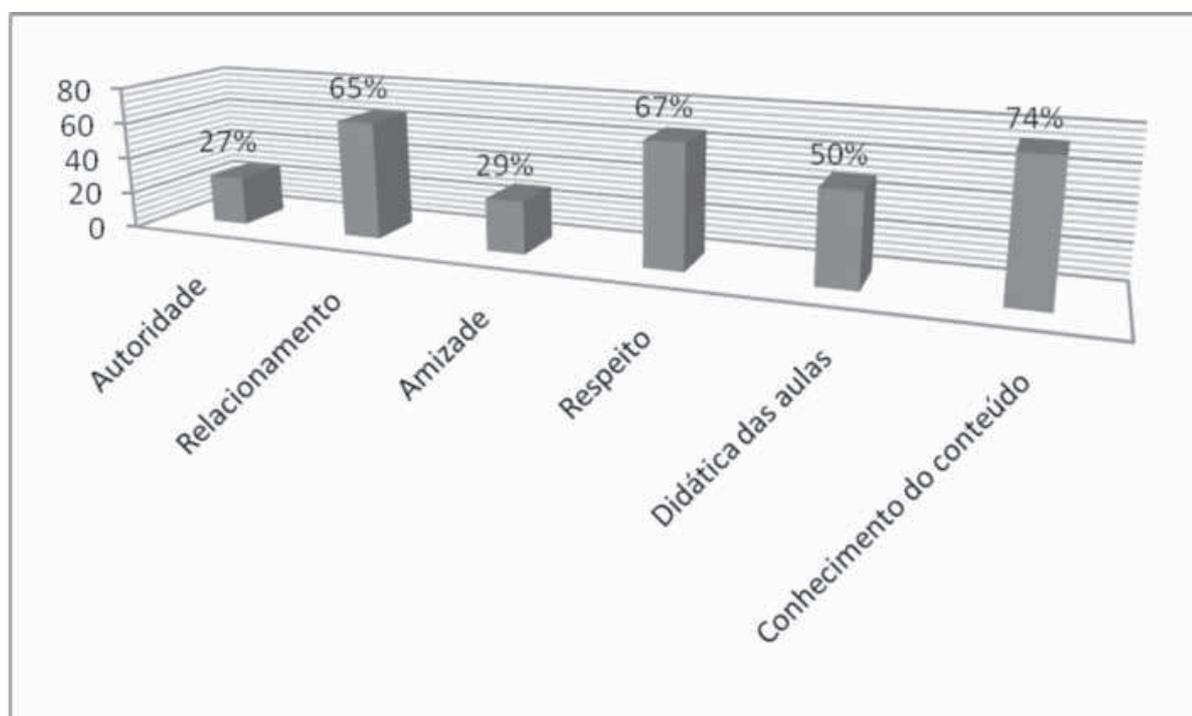
Pode-se perceber, claramente, que os itens que apareceram mais vezes nas respostas dos alunos estão relacionados à afetividade, ou seja, nas relações interativas na sala de aula. Não se pode deixar de mencionar que os alunos reconhecem

a importância da competência técnica do professor, deixam isto muito claro em suas respostas. Reconhecem, também, a importância da didática para o sucesso de sua aprendizagem.

O que nos chama muito a atenção é que para estes alunos a afetividade é levada em consideração, coisa que até então não se pensava neste segmento. A recorrência em que os itens aparecem em suas respostas é muito significativo.<sup>3</sup>

#### **PERGUNTA 4 – O que você julga importante no seu professor / professor. Escolha 3 opções.**

Nesta pergunta, foram colocadas 6 opções para que os alunos pudessem escolher 3 em ordem de importância. Para facilitar a compreensão, esta pergunta será tabulada em forma de gráfico.



O conhecimento do conteúdo sobressai para estes alunos, ficando com 74%. Mas não podemos desconsiderar os dois itens que aparecem na subsequência: Respeito com 67% e o relacionamento com 65%.

Esta pergunta vem comprovar o nosso raciocínio: os alunos do Ensino Médio, embora, aqui no Brasil ficam muito focados no Vestibular, preocupam-se com o relacionamento entre professor/aluno, corroborando o nosso juízo de que a afetividade, mesmo para alunos maiores, deve ser considerada para se garantir uma boa aprendizagem.

No caso desta simples pesquisa, os dados apresentados sugerem que o conhecimento e a didática do professor aliados às questões afetivas – respeito, bom

<sup>3</sup> Este assunto pode ser melhor estudado e pesquisado dada a sua relevância em um outro momento.

relacionamento - podem resultar no desenvolvimento de um trabalho mais sério e de qualidade, capaz tanto de possibilitar a aprendizagem dos alunos quanto de despertar neles o interesse pelo ensino.

#### 4. Palavras finais

As decisões do professor acerca das atividades de ensino, que apontam para o sucesso do aluno, têm como perspectiva que o aluno atinja objetivos estabelecidos no planejamento.

Sendo assim, as atividades de ensino permeadas por dimensões afetivas na mediação do professor, a partir do seu planejamento visando ao sucesso do aluno, mostram-se como fatores potencialmente determinantes para o alcance dos objetivos pré-estabelecidos, podendo favorecer relações afetivas positivas entre sujeito (aluno) e objeto (conteúdos escolares), conseqüentemente, uma aprendizagem significativa.

Afetividade é tema sempre presente entre os pensadores, sejam eles filósofos, psicólogos ou pesquisadores de diferentes áreas, quer da saúde, quer da educação e outras que também estudam esse aspecto da vida humana.

Ao estudar a presença da afetividade nas atividades de ensino e as implicações das mesmas no processo de aprendizagem dos alunos do Ensino Médio constatou-se que este elemento pode ser decisivo para o sucesso da aprendizagem.

Pouco se fala desse assunto neste segmento. Embora tenha sido apenas um estudo muito tímido, observamos que os aspectos relacionados com o envolvimento afetivo do professor (a) e o conhecimento podem fazer acontecer a aprendizagem com mais eficiência.

Diante de tais evidências – e considerando que pesquisas anteriormente realizadas, Falcin (2003) e Tagliaferro (2003), apontaram como características de um professor inesquecível o fato de sentir verdadeira paixão pelos conteúdos lecionados, de ter um grande envolvimento com a atividade docente, de dominar os conteúdos lecionados, de ter respeito e um bom relacionamento com os alunos e, sobretudo, de tratá-los com respeito, carinho e seriedade

Este estudo evidenciou o que antes já era considerado como relevante em outros segmentos da educação. Aqui, pudemos verificar que, embora os alunos sejam maiores, a afetividade e o bom relacionamento dos professores e professoras com seus alunos podem fazer a diferença na educação.

Não tivemos a pretensão de fechar questões sobre o tema, muito pelo contrário, é apenas o início de um caminho longo e obscuro a ser percorrido.

## 5. Referências:

- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.
- BARROS, Flávia Regina. “Mediação e afetividade: histórias de mudanças na relação sujeito-objeto”, In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva (Org.). **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb>.> Acesso em: 20 nov. 2011.
- DANTAS, Heloysa. “A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon”, In: LA TAILLE, Y., DANTA, H., OLIVEIRA, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- FALCIN, Daniela Cavani. **Afetividade e condições de ensino: a mediação docente e suas implicações na relação sujeito-objeto**. Monografia, Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, 2003. 102
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. “A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor”. In: AZZI, Roberta Gurgel; SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão (Org.). **Psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- MOYSÉS, Lucia. **A auto-estima se constrói passo a passo**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2004.
- REGIMENTO Escolar Interno – Colégio São Domingos, Araxá-MG.
- TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. **Um professor inesquecível: a constituição de uma memória coletiva**. Monografia, Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, 2003.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

**Abstract:** This work is the result of reflections and readings on the affective in the classroom and its direct relationship with learning. It is the end product of a paper presented to the discipline of a Doctorate in Education and has some thoughts on what is thinking and what is done in the classroom with regard to the affection and learning, especially in high school, a segment considered the least affective. Several scholars have been devoted to studying and producing materials on the role of affection relationships in classroom and how this affection produces results. It also reflects not only on the cognitive and intellectual education, but also opens a way for the discus-

sion of the affective aspect of interactions in the classroom in high school. To verify the importance of this issue, an interview was conducted with students and teachers of high school, in seeking to grasp the meanings that underlie the effective learning.

Key-words: Affection - Students - Teachers - High School - Learning

---

\* **Fabiola Cristina Melo**

**Currículo - <http://lattes.cnpq.br/7562140821449924>**

